I - BIOGRAFIA LITERÁRIA DE

ARARIPE JUNIOR — O HOMEM E A ÉPOCA

(A propósito do centenário do seu nascimento)

JOSÉ ADERALDO CASTELLO

1 — Tristão de Alencar Araripe Júnior (Fortaleza, 27.6.1848 — Rio de Janeiro, 29.10.1911) pertenceu a uma das famílias mais ilustres do Ceará, tendo sabido honrá-la com mérito e valor, sem desmerecer qualquer de suas tradições. (1) Como todo cearense fadado ao nomadismo eterno, muito cedo deixou a terra natal. Sobre essa quase fatalidade, referindo-se ao abandono das plagas cearenses pelo guerreiro branco que levou consigo seu filho, o poetizador das origens do Ceará escreveu que "O primeiro cearense, ainda no berço, emigrava da terra da pátria. Havia aí a predestinação de uma raça?" Predestinação, aliás não só de emigrar, mas também de retornar, senão em corpo pelo menos em espírito, como bem provaram Alencar e Araripe Júnior.

Aos seis anos de idade foi para Bragança, na então Província do Pará, em companhia do pai — o futuro Conselheiro Tristão de Alencar Araripe — o qual, naquela localidade, exerceu o cargo de juiz de direito (1854). Da permanência no Pará devem datar as reminiscências que escreveu na crítica a *O missionário* de Inglês de Souza, e que serve de prólogo ao mesmo livro :

"Eu mesmo que escrevo estas linhas, — diz Araripe Júnior — ainda hoje quando me recordo das cenas que ali observei, menino, sinto o arrepio de uma forte sensação retrospectiva; e, no sossobro do entusiasmo, julgo antever a frase que revigora a expressão literária. Ainda hoje e com a mesma grandeza vejo passarem por diante dos meus olhos aquelas misteriosas e selvagens florestas dominadas pela monotonia soberana de rios infindáveis. Tremo pensando nos perigos do Guamá, e de súbito sinto-me, como outrora, arrebatado numa igarité tripulada por índios mansos, descendo o rio, ora de bubuia, ora ao esforço vigoroso do braço do mundurucu, abrigado sob um toldo de guarumã."

Mais adiante, depois de completar suas reminiscências com a descrição vigorosa e colorida do fenómeno da pororoca por ele observado no rio Guarumã, continua :

"Abrindo as folhas d'*O missionário* senti-me de súbito transportado a esse Pará que conheci na minha puerícia. Daqui o estou vendo vivo,

quente, luminoso, como se a fada do romance me houvesse tocado com a sua vara de condão e me convertesse em habitante daquelas regiões". (2)

Acompanhou os pais, em 1856, para o Espírito Santo e, três anos mais tarde, para Pernambuco. Escragnolle Dória, a propósito da revelação do talento literário de Araripe Júnior, refere-se a uma carta por este escrita de Vitória, descrevendo a cidade, e datada de 1854, (3) o que, como se vê, não coincide com a data indicada anteriormente. Foi em Vitória que principiou amizade duradoura com Francisco da Gama Rosa, figura que juntamente com ele — Araripe Junior, teve alguma importancia na introdução do simbolismo no Brasil.

Em Pernambuco estudou preparatórios no Colégio do Bom Conselho. E' de Araripe Júnior, aos catorze anos de idade, o seguinte trecho de carta dirigida á sua avó Ana Triste, atestando preocupações literarias :

"Aí vai um jornal em que está publicado um discurso, que recitei em uma sociedade em que sou 1.° Secretário, o qual causou uma polémica entre o redactor do Colégio e o redactor do Diário, por nele ter falado em Garibaldi.

"Leia, minha vovó, e não repare na mesquinheza dos pensamentos de seu amado netinho, pois são os primeiros pensamentos de um menino de catorze anos". (4)

Ingressou, concluído o curso de preparatórios, na Faculdade de Direito do Recife, onde se bacharelou em 1869.

E' do tempo de academico que data verdadeiramente o início da carreira literária de Araripe Júnior: principiou-a em 1866, colaborando no *Mosaico* com páginas de prosa de ficção. Colaborou também, em 1868, no *Correio Pernambucano,* de quando data, ainda, o seu primeiro livro de ficção — *Contos brasileiros,* publicado em Recife, usando Araripe o pseudónimo de Oscar Jagoanharo. No ano seguinte fez publicar no Rio de Janeiro uma espécie de profissão de fé de crítico — *Carta sobre a literatura brasileira.* (5)

Ao mesmo tempo procurava obter cultura, sobretudo filosófica. Félix Pacheco conta-nos que encontrou, certa vez, na Biblioteca da Camara, no Rio de Janeiro, um volume do *Espírito das leis* de Montesquieu, trazendo a indicação — Araripe Júnior, Recife, 1868. Naquela mesma biblioteca acham-se alguns cadernos de notas e retalhos que nos dão uma ideia segura de seu trabalho e fontes de informações, sempre as mais credenciadas. (6)

Araripe Júnior testemunhou, na permanência em Pernambuco, a eclosão do movimento renovador do nosso pensamento. Esse movimento, de larga duração e repercussão na vida cultural do país, surgiu no Recife entre 1862 — 1863. Dele participaram jovens estudiosos, logo mais figuras de máximo relevo: Tobias Barreto, Castro Alves, Franklin Távora, Araripe Júnior, Vitorino Palhares, Celso de Magalhães, Aníbal Falcão, Clóvis Beviláqua, Inglês de Souza, Rocha Lima, Vergílio Brígido, Silvio Romero e outros.

O movimento que se constituiu em período de transição entre o romantismo e o realismo-naturalismo, na decada de 1860, foi inicialmente romantico. Como se nota acima, há nomes romanticos a ele ligados, bem como autores de transição e futuros afirmadores definitivos de novas orientações literária, crítica e filosófica. E' o principal informador do mo-

vimento, Sílvio Romero, quem nos diz que se principiou "pelo que mais tarde a crítica do Rio de Janeiro veio a chamar o *condoreirismo* na poesia", denominação, aliás, que foi dada por Araripe Júnior a esta última fase de nossa poesia romantica. A seguir "passou-se — continua Sílvio Romero — á crítica literária, á filosofia positiva, ao darwinismo, aos estudos da poesia popular, ao romance de costumes e histórico, á poesia socialista e científica, ao naturalismo do direito e a outras grandes manifestações do pensamento moderno". (7) Daí a divisão da chamada — a nosso ver impropriamente — escola literária do Recife em três fases: a primeira, de 1862-3 a 1870, foi poética, sob a influência do romantismo. A poesia desta fase é hugoana ou condoreira, eivada de patriotismo e de sentido social, apresentando tambem tendências lamartinianas, com Tobias Barreto, Castro Alves, Palhares e outros; a prosa de ficção, sob a influência de José de Alencar e Gonçalves Dias, é representada por Franklin Távora e Araripe Júnior que começam a cultivá-la. A segunda fase, de 1870 a 1877-8, é de reacção crítica ao romantismo. A terceira, de 1878-9 até fins do século, é ainda de desenvolvimento da crítica e também dos estudos jurídicos e sociais. (8)

A repercussão do movimento renovador do Recife foi, no Ceará, — o que nos interessa no momento — afirmada com a denominada *Academia Francesa.* Referindo-se ao caracter literário, filosófico e religioso desta agremiação e da *Escola Popular*, aos livros e ás doutrinas estudadas pelos representantes das mesmas, Clóvis Bevilaqua pretende ver, com justeza, "nessa orientação dos espíritos uma repercussão do movimento intelectual do Recife". (9) O movimento cearense principiou precisamente em 1872, com a fundação da *Academia Francesa* por Tomás Pompeu de Sousa Brasil Filho, Raimundo António da Rocha Lima, João Capistrano de Abreu, João Lopes Ferreira Filho, Xilderico de Faria e António José de Melo, afirmando-se logo como figura principal o jovem Rocha Lima, também um dos principais do movimento do Recife. Rocha Lima, juntamente com Araripe Júnior, também ligado áquela *Academia*, da qual a bem dizer participou toda a inteligência moça cearense, são as duas figuras que levaram ao Ceará o movimento inicialmente presidido por Tobias Barreto.

A fundação da *Academia Francesa* coincidiu com a *questão religiosa* entre maçonaria e clero, de profunda consequência na evolução do pensamento brasileiro. Membros daquela agremiação, como Tomás Pompeu, João Camara e Xilderico Faria, considerando a Maçonaria "o refúgio do espírito novo", fundaram — órgão das novas ideias e arma de combate contra o Clero — o jornal *Fraternidade*, cujo primeiro número é de 4 de Novembro daquele ano (refere-se a 1872) e em cuja redacção se distinguiram, a princípio, Pompeu Filho, Araripe Júnior, João Lopes e João Brígido, e mais tarde Rocha Lima, que, de começo, como é sabido, se recusara dela fazer parte". (10) Este jornal em que colaborou Araripe Júnior estava, portanto, vinculado á *Academia.*

Como funcionava ela, com reuniões em casa de Rocha Lima, nos disse o próprio Araripe Júnior que também se refere á influência da mesma na sua formação espiritual. Na *Advertência* da 1a. ed. do *José de Alencar*, escreveu que a reconstituição de suas idéias data de 1873; então leu Spencer, a *História da Civilização da Inglaterra* de Buckle e trabalhos críticos de Taine. Fez-se participante do círculo de Rocha Lima, "discípulo — como diz — fervoroso de Comte", ao lado de Capistrano de Abreu,

Tomás Pompeu e outros. Passaram em revista, na medida de suas forças, todas as ideias do século; da conversação inicial, foram ao jornal e á tribuna; participaram da questão religiosa; organizaram conferências contra o Clero, provocando abalo na opinião católica.

"Sem estudos científicos, — continua Araripe Júnior — tão pouco accessíveis ainda hoje aos bacharéis em direito, depois disto, lenta foi para mim a ascenção da montanha filosófica. Eu não podia ser indiferente ao ingresso no país de novas idéias: mas era obrigado por higiene a sujeitar-me a um processo de assimilação cauteloso. Se lenta foi, pois, a transformação mental mais lenta devia ser a mutação dos bastidores literários, das engrenagens empregadas na composição, dos hábitos, enfim, adquiridos na primeira lição". (11)

Completando o movimento da *Academia Francesa,* Lopes Ferreira, Benjamim Constancio de Moura, Rocha Lima e Israel de Moura fundaram, a 31 de Maio de 1874, a *Escola Popular,* destinada a pobres e operários, mas na realidade centro de ampla agitação intelectual que, como observou Capistrano de Abreu já citado a propósito por Dolor Barreira, exerceu notável influência sobre a sociedade cearense. (12) Nesta escola, além do curso de História Universal inaugurado por Tomás Pompeu, foram pronunciadas várias conferências, das quais destacamos: *Liberdade religiosa,* por Xilderico Araripe de Faria; *O papado,* por Araripe Junior; *Soberania,* por Tomás Pompeu; *A literatura brasileira,* de Capistrano de Abreu.

A *Academia Francesa,* de tão benéfica acção renovadora e, ao mesmo tempo, reflexo que foi do movimento renovador do Recife, um dos fatores de unificação do pensamento brasileiro, durou até 1875. Sua existência fecunda, já ressaltada por alguns de seus ilustres sócios e por críticos como Tristão de Ataíde, na realidade não cessou: entre outros, Araripe Júnior — — e já vimos que ele mesmo o disse — foi produto desse movimento e consequentemente do do Recife.

No ano da extinção da *Academia Francesa* verificou-se em Fortaleza a fundação do Gabinete Cearense de Leitura. (2.12.1875), do qual participaram elementos da referida *Academia,* inclusive Araripe Júnior. (13)

Completando a actividade literária principiada no Recife, onde estreou na ficção sob influência indianista de Alencar e também com preferencias regionalistas, Araripe Júnior publicou, em 1872, em forma de folhetim, (14) o romance *A casinha de Sapé,* editado livro em 1878, sob o título *Luisinha;* em 1874, em Fortaleza, no jornal *Constituição,* o romance *O ninho do beija-flor;* e, no ano seguinte, editado no Maranhão, *Jacina — a Marabá* — crónica do século XVI; redigido em 1873, (15) o *Reino Encantado* — cronica sebastianista, foi publicado em 1878; de um ano antes é a publicação, no *Constituição,* de *Um motim na aldeia* — narrativa do tempo do governo de Feo e Torres no Ceará. Araripe Júnior, romancista nascido dos referidos movimentos, com tendência indianista e gosto pelo romance regionalista e histórico, á semelhança de Alencar, ainda escreveu os seguintes romances *O retirante* — cena da seca de 1845; *Xico melindroso* — História a-toa; *O guaianaz* — romance brasileiro; *O quilombo de Palmares* — crónica do século XVII; *O cajueiro do Fagundes* — episódio cearense, relacionado, quanto ao assunto, com *Um motim na aldeia.* Não se enquadra neste grupo o romance *Misse Kate,*

de 1904, que revela nova feição do autor — a tendencia para o romance psicológico. (16)

A influência de Alencar sobre Araripe Júnior romancista, é coisa determinada desde a infancia do último. No *José de Alencar* Araripe Júnior principia considerando a data de 1860, quando viu o romancista pela primeira vez, em Pernambuco, como um acontecimento notável. Tinha então onze anos de idade; já conhecia o *Guarani,* por sinal o primeiro romance que leu. Não alimentava sonhos literários, mas deste acontecimento data, assim escreve, o seu desvairamento literário. A figura de José de Alencar tornou-se uma "obcessão constante nas aulas, nos passeios, no repouso". Indagava das menores particularidades da vida de Alencar, pondo-se ao par "não só do seu modo de pensar, como do método empregado na composição de suas obras. Essa cultura tenaz da imagem de um artista, pelo decorrer da vida de academico, assumiu proporções incalculáveis". Tornou a vê-lo em 1870. Não arrefeceu o entusiasmo formado na adolescência: "O prestígio aumentava mais e mais e, a cada particularidade em que seu espírito fértil se projetava, novos e desconhecidos alentos tomava minha alma". (17)

Araripe Júnior, formado pela Faculdae de Direito de Recife, acompanhou o movimento da *Academia Francesa* e da *Escola Popular* como juiz municipal de Maranguape, cidade vizinha de Fortaleza; também exerceu o mandato de deputado provincial do Ceará, nos biénios de 1872 e 1875. (18) Antes havia estado em Santa Catarina, onde desempenhou o cargo de Secretário do Governo. (1871)

2 — Depois da magistratura e da política, vindo para o Rio de Janeiro, Araripe Júnior dedicou-se inicialmente á advocacia. Mas, e já observou Félix Pacheco, a advocacia, como a política e a magistratura, nunca o sedusiram. O próprio Araripe Júnior, anos mais tarde, depois de assistir á revolta da Armada, durante a qual foi voluntário ao lado de Floriano, sentenciaria, escrevendo a seu pai: "Que é a política? Uma água que os homens turvam para poderem pescar sem que os companheiros vejam". (19)

Exerceu a advocacia até 1886, quando foi nomeado oficial da Secretaria do Ministério dos Negócios do Império, depois de ter desistido de realizar um concurso de língua portuguesa, para o qual se preparara em 1884; (20) com a proclamação da República e consequente extinção deste Ministério, passou, na categoria de director, para o Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Em 1895, foi director geral da Instrução. (21)

Poucos anos depois de chegar ao Rio, de 1882 a 1883, dedicou-se á campanha abolicionista, trabalhando ao lado de José do Patrocínio. A esposa auxiliava-o, "chegando a fundar um clube infantil, para angariar donativos com que alforriavam escravos." (22)

Da vinda para o Rio até a década de 1890, a actividade intelectual de Araripe Júnior foi variada. Escreveu sobre assuntos ou temas do momento e também publicou trabalhos relativos ás funções públicas que exercia: com Sílvio Romero, em1883, redigiu os *Lucros e perdas* — crónica mensal dos acontecimento do Império e que atingiram seis volumes; publicou a *História contemporanea;* uma série de artigos sobre a *Função normal do terror nas sociedades cultas; Deteriora sequor! Cartas ao sr. D. Pedro de Alcantara; Indicações sobre a história nacional; Exposições*

sobre as bases do Regulamento n. 2857, de 30 de Março de 1898; *Parecer* sobre a representação do corpo docente do Ginásio Nacional; *A educação moderna,* etc.. Sua principal realização literária foi, contudo, o início da publicação no *Vulgarizador,* do Rio, (10.1.1879), do *José de Alencar — perfil literário,* logo interrompida, para continuá-la em 1881, agora na *Revista Brasileira* (2a. fase), lançando-a em livro no ano seguinte. A atividade crítica de Araripe Júnior, depois da *Carta sobre a literatura brasileira* (1869), — interrompida, portanto, durante cerca de dez anos — recomeçou ou verdadeiramente começou com a publicação daquele perfil literário.

Colaborou , escrevendo sobre variados assuntos, na *Gazeta de notícias* (Rio, 1878-1900); *Gazeta da tarde* (Rio, 1881-1882); *Novidades* (Rio, 1888-1889), onde publicou, de notável, uma série de 19 artigos sobre *Raul Pompeia — "O ateneu" e o romance psicológico* e outra série de 21 artigos sobre *"A terra"* de Emílio Zola e *"O homem"* de Aluísio de Azevedo, artigos que, infelizmente, ainda não foram divulgados em livro.

Ainda colaborou, agora já na década de 1890, no *Correio do Povo* (1890); no *Jornal do Brasil* (1893), no qual publicou o estudo sobre *Gregório de Matos,* saído em livro um ano depois; n'*A vida moderna,* publicando os *Pontos de vista* para o estudo da literatura brasileira; n'*A semana;* na *Revista brasileira* (3a. fáse); n'*O país* (1897-1898); no *Jornal do Comércio* (1898-1900); etc. (23) Inquestionavelmente foi esta a década de mais intensa atividade do crítico e do escritor em geral.

Filiou-se a sociedades literárias. A 7 de Abril de 1893, com proposta firmada por J. J. Gomes da Silva Neto, Henri Raffard, José Luís Alves e João Xavier da Mota, candidatou-se ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; foi admitido como socio efetivo a 5 de Maio do mesmo ano, conforme "*Parecer* acerca das obras de Araripe Júnior: *Reino encantado* e *Gregório de Matos* com as quais se candidatou ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro" e que foi emitido por César Augusto Marques, João Severino da Fonseca e Sacramento Blacke. (24) Foi sócio correspondente do Onstituto do Ceará (25); sócio do Centro Artístico do Rio de Janeiro; da American Academy of Political and Social Science, de Filadélfia. Com a reorganização da *Padaria Espiritual,* do Ceará, (segunda fase, de 1894-1898), foi escolhido para sócio correspondente da mesma. Em carta datada do Rio (21.12.94), dirigida a António Sales, Araripe Júnior aceitou a referida indicação e exprimiu o interesse que devotava á vida intelectual da Província natal; tratando-se de documento de valor biográfico e literário, vale a pena transcrevê-la :

"De posse — escreve Araripe Júnior — de seu "Retrospecto" e da carta em que se dignou comunicar-me que a "Padaria" escolhera-me para sócio correspondente nesta Capital, agradeço a remessa do opúsculo e as referências honrosas ao meu humilde nome, no mesmo incluídas, e aceito a indicação daquela sociedade literária e aqui estou para servi-la.

"Vejo, com grande prazer, que os "padeiros" não dormem: — o sinal é precursor de uma mentalidade nova na terra de Iracema. Peço, pois, que me contemplem entre os seus apreciadores e não desanimem. O futuro é dos que trabalham.

Em que pé vai a biografia do Padre Verdeixa ? É o Cancioneiro Cearense ? E 'preciso que não abandonem a ideia.

"Por este vapor, a casa Fauchon & Cia. remete á "Padaria Espiritual" os dois livros que publiquei ultimamente: — "Gregório de Matos" e "Perfil de José de Alencar". O primiero pode ser lido com vantagem por algum "Padeiro" dado á viola, num domingo, debaixo dos coqueiros do Mucuripe, ou á sombra de algum cajueiro frondoso de Messejana. Escreví esse livro, pensando num leitor ideal, de ceroula e camisa, que tivesse a pachorra de folheá-lo, deitado numa rede, a balouçar-se soprado pelos ventos da praia. Do patrício e amigo afetuoso — Araripe Júnior". (26)

E' documento de valor literário e biográfico, dissemos, que atesta sobretudo o homem, sua despretenciosa modéstia, nacionalismo e amor a terra de origem, ao que nos referiremos oportunamente.

***

A vida literária do Brasil, no Rio de Janeiro, na década de 1890, uma das mais significativas de nossa história, tanto política como literária, apresenta como característica das mais expressivas a boemia. Araripe Júnior, embora não tenha sido propriamente um boémio, á maneira de Bilac, Coelho Neto, Pardal Malet, Paula Nei e outros, participou, é certo, dessa vida boémia. E participou, filiando-se a clubes literários boemios, se bem que moderados, como o Clube Rabelais, o *bonde* d' *A semana,* o grupo da *Revista Brasileira* (3a. fase).

Foi o mesmo Araripe Júnior quem fixou a existência do Clube Rabelais que podemos classificar de litero-gastronómico. Existiu por volta de 1893 e foi criação de Raul Pompeia, no dizer de Araripe Júnior — "a alma do clube". A ele pertenceram, além dos dois citados, Artur Azevedo, Lúcio de Mendonça, Urbano Duarte, Said-Ali, Valentib Magalhães, Rodrigo Octavio, João Ribeiro e outros que Araripe Júnior não menciona. (27) Compôs-se ao todo de 15 sócios; não possuiu estatutos e a obrigação de cada sócio era a de "concorrer com a quota de 10$ para um almoço ou jantar, em hotel préviamente escolhido pelo comissário, eleito no último bródio. As reuniões davam-se nas segundas, sextas-feiras de cada mês." Percorreram quase todos os hotéis do Rio de Janeiro, promovendo banquetes na *Maison Desirée,* no *Globo,* no *Internacional,* na *Vila Moreau,* na *Panificação.* Celebraram duas "sessões gastronómicas", uma em casa de Artur Azevedo, em Santa Tereza, e outra em casa de Valentim Magalhães, em Jacarepaguá.

O Clube teve a existência de um ano e meio, até a revolta da Armada, a 6 de Setembro de 1893; depois, a primeira reunião, a 13 de Março de 1894, perdeu o encanto inicial, porque entre os rabelaisianos havia jacobinos e custodistas.

"O patrono do clube — escreve Araripe Júnior — foi escolhido pela circunstancia de representar a — mens sana in corpore sano, — um bom estômago a serviço de um espírito forte. Natureza galhofeira, imaginação fértil, arguta e equilibrada.

"Lembra-me que Raul Pompeia nos últimos dias da vida do Rabelais sugerira a idéia de celebrar o seguinte aniversario da instituição com uma festa, em que todos os convivas deveriam apresentar-se em hábito franciscano. A sala do festim seria ornamentada com o clássico refeitório da Ordem. O cardápio pantagruélico, de acordo com o cap...

"A nenhum dos frades seria permitido falar senão em latim ma-

carrónico ou no português de Gil Vicente. O guardião seria Artur Azevedo.

"Esse plano, porém, malogrou-se pelas razões já conhecidas" (opiniões políticas divergentes entre os componentes do grupo).

Um dos episódios mais curiosos da existência do Clube Rabelais, narrado por Araripe Júnior, foi o qúe houve entre este e Urbano Duarte, definindo a verve do último e a singeleza do primeiro:

"Por falar-se em cozinha, — escreve Araripe Júnior — Urbano, então, lembrou-se de atacar o processo de crítica literária, a que ele dava o nome de "descascar cebolas".

" — Que tem isso com a crítica? perguntei-lhe.

" — Tudo ! respondeu o humorista.

" — Explique, se me faz favor.

" — Descascar cebolas fazem todos aqueles críticos, que sobre três ou quatro conceitos literários, resumíveis em meia dúzia de páginas, escrevem livros. No centro do fruto, cebola ou qualquer outro, pode existir uma amêndoa de valor; mas para que o leitor atinja esse objecto, tem de percorrer capítulos extensíssimos, aos quais o escritor se alarga á vontade, dando-se ao prazer pouco lisonjeiro de flanar através de assuntos completamente estranhos á obra criticada. E' a cilada, já se vê, armada á boa fé dos inexperientes. Talvez um modo de descartar-se da obra, que o crítico não pretendeu ou não pretende analisar.

"Ri-me, porque a sátira vinha com endereço a mim".

Referindo-se também a esta anedota que fixa um dos aspectos característicos de Araripe Júnior — crítico, Félix Pacheco observou que Araripe punha muito do seu no brilho dos outros, o que o impediu de realizar uma obra de ficção de intensidade e pujança, (28) com o que concordamos plenamente.

Extinto o Clube Rabelais, cuja sede era n'*A semana,* foi organizado posteriormente novo clube de carácter mais amplo que o primeiro, ligado ao Centro Artístico, e contando com elementos recrutados de todos os meios artísticos; este novo clube, porém, desapareceu logo.

A semana (1893-1895) foi um dos principais periódicos literários que tivemos. Fundada por Max Fleiuss e Valentim Magalhães, contou com a colaboração dos mais destacados escritores do momento, tornando-se expressão do mesmo, por si só preenchendo-o, enquanto servia de porta aberta para novas revelações literárias. Araripe Júnior está intimamente ligado áquela revista, e a fase da existência do escritor, correspondente á existência d' *A semana,* com ela se confunde. Foi dos primeiros a reconhecer a sua importancia, escrevendo na conclusão do *"Retrospecto literário de* 93: "Findo aqui a minha fastidiosa viagem através do ano de 1893, com os mais ardentes votos pelo futuro d'*A semana* que, renovando o meio literário no qual caíra a mais negra das apatias, conseguiu, quando todos só cuidavam em defender-se de granadas, ou atirar granadas, atrair a atenção dos homens de letras e de um limitado público, dando movimento e excitando a cobiça estética pela abertura dos concursos." (29)

Principiou a colaborar n'*A semana* no n. 23 (6.1.1894), tornando-se desde logo, no dizer de Max Fleiuss, "um companheiro digno, em tudo, do acendrado respeito e carinho com que o tratávamos." (30) Iniciou com o *Romance brasileiro,* série de artigos sobre *A normalista* de Adolfo Caminha; seguiram-se os artigos sobre *O missionário* de Inglês de Sousa; no n.° 31, deu início á publicação do *Retrospecto literário de* 93, saído em

livro em 1896, e que é um dos trabalhos mais importantes para o estudo da introdução do simbolismo no Brasil, como veremos em capítulo especial sobre a crítica de Araripe Júnior. Ainda publicou n'*A semana* outros trabalhos de crítica inclusive o estudo sobre Garcia Mérou, lançado em livro em 1895. Colaborou também escrevendo, ás vezes, a crónica *História dos sete dias*, adoptando o pseudónimo Padre António Pereira Filho.

Participou activamente, desde o início de sua colaboração literária. de todos os movimentos e iniciativas da revista, notável pelos concursos que promoveu. Eram concursos julgados por Lúcio de Mendonça, Coelho Neto, Urbano Duarte e outros, aos quais ocorriam escritores da qualidade de João Ribeiro, João Luso, Júlia Lopes de Almeida, Escragnolle Dória. Em um deles, cujo resultado sa uino n.° 45 d'*A semana* (9.6.94), foi vitorioso João Ribeiro que deveria receber como prêmio um quadro de Amoêdo. Dado o resultado, Araripe Júnior, — conta Max Fleiuss —, tomando a sério seu papel de *Padre Pereira Filho*, deitou sermão apologético, que todos ouvimos com unção, mas pôs uma restrição na entrega do premio. Pois o belo quadro de Amoêdo — *A Faceirinha* — seria entregue assim, sem mais nem menos?! O agraciado devia recebê-lo com as honras de um jantar e foi por isto que no domingo seguinte nos dirigimos todos á casa de João Ribeiro, que nos cumulou de gentilezas, fazendo-nos também ouvir a sua aptidão como pianista". (31)

Um dos factos curiosos d'*A semana*, definidor de um dos aspectos de Araripe Júnior, bem como da época, foi a explosão jacobina deste, de Lúcio de Mendonça, de Urbano Duarte e de Raul Pompeia, através das páginas daquela revista. O facto teve origem na viagem de Valentim Magalhães á Europa. Em Portugal pronunciou conferências, recebeu e prestou homenagens; manifestou-se entusiásticamente sobre as coisas portuguesas, escrevendo um artigo denominado *A glorificação de João de Deus*, que levou a mais intensa irritação o nativismo de Lúcio de Mendonça e Araripe Júnior. Não obstante o pedido de Max Fleiuss, para que evitassem o assunto, não lhe deram atenção, respondendo "tratar-se de simples divergência literária entre amigos, da qual não poderia advir a mais leve solução de continuidade nas boas — nas óptimas — relações que mantinham e manteriam com o Valentim." (32)

No n.° 81 d' *A semana* (20.4.94), na *História dos sete dias*, assinando Pedro Alves, Lúcio atacou a questão escrevendo a propósito das homenagens prestadas em Portugal a João de Deus Ramos. Condenava os exageros da crítica, repleta de adjetivos vasios — pomba, águia, génio, anjo, e o absurdo de classificar-se João de Deus o "primeiro lírico de nossa língua..."

As observações de Lúcio eram certas, incontestáveis, apenas traziam o tom de mofa, zombeteiro conforme se vê neste trecho da crónica, em que também se refere a Araripe Júnior: "Vá com esta, Valentim, e, para não pensar que isto é puro jacobinismo literário, fique sabendo que mestre Araripe Júnior, o Taine cá de casa, não pensa diversamente a respeito do tico-tico das *Flores do campo*, e é muito homem para pôr isto em letra de forma, com todas as regras e circunstancias, e vingar de uma vez por todas, o nosso gosto poético, o nosso senso artístico, o nosso critério literário, da grandíssima pulha que você e mais portugueses da outra banda estão a preparar-nos, com o seu João de Deus e de todo o mundo." Continua com ironia e sarcasmo: o jornal *O país*, de Portugal, deu um banquete a Valentim Magalhães.; saudou-o Tomás Ribeiro, então

designado para exercer a função de ministro plenipotenciário no Brasil. Em determinada passagem do seu discurso, declarou que viria ao Brasil manter relações fraternais com brasileiros e paternais com portugueses. Aproveitando-se desta infeliz figura de retórica, conclue o nosso lusófobo :

"Ora, se não falham as regras, vem esta graciosa figura a colocar-nos como tios dos portugueses, filhos daquele nosso irmão.

"Pois eu, de minha parte em nome dos povos de S. José de Cacaria, meu berço natal, fadado para grandes coisas, invoco todo o respeito que me devem os referidos senhores meus sobrinhos para lhes sugerir, a troco da bonita herança que lhes estou ajuntando num *prego* que estabeleci com o Max, a peregrina ideia de festejarmos a descoberta deste parentesco honroso com algumas garrafas de Porto de 1820, que a sede britanica, por mal informada, tenha por ventura deixado ficar nalguma velha adega da sobrinha Lusitania.

"Há de assistir ao regabofe o ladrão do Padre Pereira Filho, que já está, aqui á beira, de beiço seco e luzio esbugalhado.

"Vai mesmo em estilo do Chiado, para fazer as pazes com o Valentim Magalhães."

A vez de Araripe Júnior ferir o assunto foi no n.º 82 d'*A semana* (27.4.94), em que publicou uma crónica, assinada com o pseudónimo Padre António Pereira Filho a propósito das comemorações do sétimo centenário de Santo António de Lisboa, referindo-se também a João de Deus. Foi, neste sentido, consultar *João Minhoca,* em Niterói, que, depois de respostas e perguntas, retrucou finalmente :

" — O' Padre de uma figa, estás hoje com a moenda da memória muito pouco azeitada. Não atinaste ainda com a charada? Pois t'a decifro eu. O Bandarra, entre as suas profecias, deixou esta: — que tempo havia de vir em Portugal em que tolos voariam pelos ares e a pobreza seria tão grande que o Rei e toda a sua Corte se reuniriam em Conselho para, por decreto régio, dispensar Camões e seus sucessores, tangedores de gaita, do pagamento do imposto *dos três pintos.* Ora, esse tempo de pobreza franciscana, anunciado pelo Bandarra, afinal chegou. Os tolos estão voando; os *simples* são elevados á categoria de pontífices; e, como não há nem dois caracóis no erário público, os portugueses, que viviam a meter Santo António no fundo de um poço, por menoscabo, em honra dele, o padroeiro dos humildes e dos pobres, lembram-se agora de celebrar o 7.º centenário. Ao que parece, porém, o santo não está muito satisfeito por terem-no equiparado a João de Deus, poeta que, em sua candura, ficou nu na presença do Senhor; e disse aos embaixadores quando o buscavam para o *engrossamento*: — ah! vocês procuram-me agora para livrar-lhes o pai da forca? Pois vieram tarde. Vão para os ingleses ou para o diabo que os carregue ! Eu sou o padroeiro somente dos pobres de dinheiro; não aceito zumbaias como padroeiro dos pobres de espírito."

Urbano Duarte, no n. 84, para o qual escreveu a *História dos sete dias.* com o pseudónimo *Zeca,* participou da questão, também amesquinhando Portugal e João de Deus. Deste último, surgiu um defensor pelas colunas d'*O Estado de São Paulo* — Felinto Almeida, usando o pseudónimo Justo Leal. Lúcio de Mendonça e Araripe Júnior, principalmente o primeiro, responderam. Embora a carta em resposta tenha um certo ar de troça, dada a desenvoltura da linguagem e a intimidade entre signatário e destinatário é no fundo séria e louvável pela imparcialidade e razões dos argumentos. Em síntese, exalta os grandes poetas portugueses e também Eça; mas,

novamente protesta contra a leviandade de consagrar-se João de Deus o primeiro lírico da língua.

Em números seguintes, Xavier da Silveira Júnior, assinando Melanchton, atacou o poeta Tomás Ribeiro; o mesmo fez Lúcio de Mendonça, por duas vezes, não obstante a advertência feita a propósito pelo nosso então ministro das Relações Exteriores, Carlos de Carvalho.

Foi por essa época que Valentim Magalhães, contrário ao movimento lusófobo, regressou da Europa. Desligou-se, por isto, juntamente com Max Fleiuss, da direcção d'*A semana,* atitude que determinou o fim da mesma.

A campanha lusófoba, sustentada nos últimos números d'*A semana,* deu a esta revista grande notoriedade e promoveu-lhe consideràvelmente a venda avulsa. (33)

Sabemos que o hebdomadário *A semana* marcou época com seus colaboradores e frequentadores, definindo uma atmosfera de bom humor, cordialidade e espírito. Os colaboradores desta revista formavam um grupo boémio, que denominaram de *bonde;* eram os espíritos mais finos da época: Valentim Magalhães e Max Fleiuss, directores d'*A semana,* Lúcio de Mendonça, Araripe Júnior, João Ribeiro, Urbano Duarte, Raimundo Correia, Fontoura Xavier, José Júlio da Silva Ramos, Raul Pompeia, Alberto de Oliveira, Coelho Neto, Eduardo Saboia, Temístocles Machado, Henrique de Sá, Raimundo Capela, Escragnolle Dória e vários outros. Havia ainda os *pingentes,* denominação dada por Lúcio de Mendonça aos que frequentavam com menos assiduidade às palestras d'*A semana*: Machado de Assis, Artur Azevedo, Eduardo Prado, Assis Brasil e tantos outros. (34)

As reuniões eram diárias, das quatro ás seis, na rua Gonçalves Dias, onde funcionava a redação da revista. Conversavam, discutiam, ás vezes rumurosamente, alegres, não raro maliciosos, ou veementes, segundo nos informa Escragnolle Dória. Do *bonde,* o chefe era Valentim Magalhães; o verdadeiro líder Lúcio de Mendonça, admirável argumentador; seguia-se Araripe Júnior, a quem chamavam Padre António Pereira Filho, por causa do pseudónimo que usava. O mesmo Araripe Júnior "certa vez observou que o bonde era uma arcádia", e caracterizou-o dizendo que nele a ordem era a desordem.

Numa das *viagens do bonde,* Lúcio de Mendonça, Araripe e Raul Pompeia surgiram com a ideia de fundar-se uma Academia de Letras. "Nos fins de 1894 Lúcio de Mendonça e Araripe (Lúcio principalmente) empenhavam-se na criação de uma academia de letras, combinando os elementos formadores, bem como os que lhe assegurassem a vitalidade.

"Foi numa dessas ocasiões que Araripe escolheu os dias da semana, dando-lhes os nomes dos que seriam os primeiros académicos: Tenho o autógrafo (escreve Max Fleiuss):

"Domingo — Valentidi.
"Segunda — Lucidi.
"Terça — Ribeiridi.
"Quarta — Fontouridi.
"Quinta — Araripidi.
"Sexta — Octavidi.
"Sábado — Maxidi.

"Isto é, Valentim, Lúcio, João Ribeiro, Fontoura, Araripe, Rodrigo Octavio, Max Fleiuss." (35)

Max Fleiuss e Fontoura Xavier não chegaram, porém, a ser sócios da Academia Brasileira de Letras, fundada só em 1897 e verdadeiramente nascida da *Revista Brasileira* (3a. fase — 1895-1898, dirigida por José Veríssimo). Araripe Júnior foi um dos fundadores da Academia, ocupando nela a cadeira número 16, cujo patrono é Gregório de Matos. Félix Pacheco que, com a morte de Araripe Júnior, o substituiu na Academia, escreveu que ninguém melhor que seu antecessor realizou, na mesma, o ideal de Machado de Assis, ideal de conservar no meio da federação política a unidade literária". (36)

Araripe foi assíduo colaborador da *Revista Brasileira* (3a. fase), publicando aí trabalhos de crítica, os mais elevados que produziu, reunidos em livro sob o título *Ibsen* (1911), além dos estudos sobre Machado de Assis e Silvio Romero.

Ainda na década de 1890, ou seja entre 1895-6, Araripe participou da campanha em prol do reerguimento do teatro nacional, compreendendo que o movimento, centralizado no Rio, devia, contudo, contar com o apoio de todos os estados, o que revigoraria não só a unidade nacional do mesmo, mas também de nossa literatura em geral. Enviou a propósito uma carta a António Sales, em que emitia opiniões, falando também da crise do teatro brasileiro: "Pelos jornais — escreve Araripe Júnior a António Sales (Ceará) — verá que aqui agitou-se de novo a questão do "Teatro Nacional". Fundou-se uma sociedade e esta vai tratar seriamente não só da construção de um edifício, mas também de preparar atores. Não é só isso: a sociedade quer desenvolver a estética nacional no teatro. Desde que apareçam incitamentos os atores surgirão. O drama existe na alma de todos os que escrevem com talento. Mas porque hoje não há dramaturgos? A razão é óbvia. Machado de Assis, Aluizio Azevedo, Coelho Neto e outros não querem perder tempo: preferem matar o drama nas páginas de um romance, que é lido e apreciado.

"Assim, pois, no momento actual, em que as artes parecem querer renascer, julgamos oportuna a ideia de fazer com que os talentos volvessem ao teatro.

"O pensamento abrange tudo; e os Estados devem auxiliá-lo.

"Peço-lhe portanto que se constitua nessa boa terra arauto da idéia porque todo auxílio que vier daí, moral ou material, será recebido com prazer e refluirá do centro para a periferia.

"V. sabe que todo o movimento que se der no Rio concorrerá para aumentar o do Estado, desde que haja correlação." (37)

* * *

Escrevemos pouco antes que a década de 1890 foi a mais fértil da actividade de Araripe Júnior, como crítico e orientador de novos e ainda como participante destacado dos movimentos literários de então. Nada melhor que os depoimentos dos contemporaneos, aliados aos documentos, para atestar a actuação de uma personalidade de projecção, sobretudo literária. Félix Pacheco, no discurso de recepção na Academia Brasileira de Letras, falou sobre o dever do sucessor traçar, ao ser recebido na mesma, o perfil literário do antecessor e acrescentou que para ele, da mesma forma que para qualquer *novo,* tal incumbência, tratando-se Araripe Júnior por exemplo, era uma "grata incumbência". Todos os *novos,* esclarece, "enxergavam no mestre extinto o júiz bondosamente

equanime que, a desfechar uma censura, preferia sempre opor um conselho, guiar, esclarecer. Ninguém, nestes dois ou três últimos decénios, animou mais a juventude literária do Brasil do que Araripe Júnior. Ele foi uma espécie de pai espiritual de todos nós. Considerávamo-lo geralmente como um amigo mais velho e nos aproximávamos dele sem o temor das reprimendas severas que, em vez de corrigir, descoroçoam. Essa benevolência natural e a modernidade permanente de sua cultura fizeram dele o dilecto mentor afetuoso de quantos no Brasil começavam a perlustrar a áspera via do romance, do verso, das belas letras em suma". (38) Atesta a modernidade de sua cultura, uma vasta obra só comparável á de poucos escritores brasileiros, embora na maior parte esteja dispersa em jornais e revistas, denotando a despreocupação do autor de divulgá-la imediatamente em livro, talvez em consequência da constante curiosidade intelectual de quem procurava seguir de perto as últimas correntes literárias, artísticas, culturais em geral, numa atitude que era exigência de suas óptimas qualidades de ensaísta.

Da época d' *A semana* á época do *Pão espiritual* da *Gazeta,* foi aquela — a de estimulador e orientador de *novos* — a principal atitude de Araripe Júnior. Só deste último momento em diante, ou seja no ultimo decénio de vida, foi que Araripe Júnior abandonou-a; contudo, foi o consagrador d' *Os sertões* logo que surgiram, e o apresentador de alguns estreiantes, como Agrepino Grieco e Albertina Berta. Pretendeu publicar, desta última, no *Jornal do Comércio,* capítulos do romance *Exaltação.* Remeteu, acompanhada de capítulos do mesmo, uma carta a Félix Pacheco, em que emitiu seu juizo crítico sobre a jovem romancista. A carta é a seguinte: "Solicitando do *Jornal* a inserção nas suas colunas de honra dos dois capítulos do romance *Exaltação,* escrito por Albertina Berta, o meu fim é chamar a atenção para um dos talentos femininos que mais me têm impressionado.

"O romance *Exaltação* no seu conjunto apresenta quer pela concepção, quer pelo estilo, qualidades extraordinárias.

"O poder descritivo da autora tem um cunho singular e o colorido da paisagem exibe notas fulgentes, que recordam a escala dos coloristas italianos e, ás vezes, o modo do pintor inglês Turner.

"Os dois trechos, que a autora me entregou, são talvez os que mais lhe agradam.

"A muitos leitores, porém, parecerão de uma abundancia excessiva de adjectivação, devida quiçá á influência *danunzziana.* Há um lirismo insóbrio ! Mas é preciso não perder de vista que essas partes do livro contêm justamente o delírio, as folias, as comunicações de amantes, vítimas de uma formidável intoxicação pelo amor: além de tudo instruídos, cultos e devorados pela ansiedade da realização de um tipo ético *ultra vires.*

"O *Jornal,* publicando esses fragmentos, não fará senão concorrer para que no horizonte das nossas letras desponte um astro de primeira grandeza". (39) Nenhum outro documento prova, melhor do que este, a boa vontade e o interesse de Araripe Júnior, um dos mais prestigiados críticos da época, de levar á aceitação pública as verdadeiras revlações literárias.

Foi ele, e já notou também Félix Pacheco, talvez o único que compreendeu, desde o início, a geração de poetas simbolistas. José Verissimo, por exemplo, nunca pôde aceitar a estética simbolistica e Sílvio Romero

só tardiamente reconheceu o valor de Cruz e Sousa. Quando surgiu o genial autor de *Missal* e *Broquéis,* enquanto todos procuravam desmerecê-lo, Araripe logo ressaltou seu valor, e prenunciou a rovolução estética que provocaria o simbolismo, emitindo conceitos que seriam reafirmados pela crítica posterior, nacional e estrangeira.

Não obstante o importante papel de orientador e educador de elementos da nova geração da época, que exerceu, Araripe Júnior manteve-se sempre com simplicidade e modéstia, sem deixar transparecer a capacidade e prestígio que possuía: "Quem o visse, despreocupado e moroso, a sair de um cinema para entrar no imediato, lado a lado de Euclides da Cunha, este outro incomparável gigante que ele revelara ao Brasil estarrecido em dois ou três artigos de crítica, mal suporia que aquele velho simpático e palestrador fosse, na verdade, a capacidade complexa e multiforme admirada por todos os seus contemporaneos". (40)

Ao principiar o século actual, a actividade de Araripe Júnior na crítica diminuiu consideravelmente em face da anterior e mesmo a colaboração em jornais e revistas foi reduzida. Talvez tenha sido efeito das novas funções de Consultor Geral da República, que passou a exercer, e também do clima literário do momento, caracterizado pela transição do realismo-naturalismo para o modernismo, e consequentemente por uma produtividade literária, digamos, incerta e escassa.

Colaborou no *Almanaque Garnier* (1902-1908) e na *Revista americana* (1909), na maior parte com trabalhos já divulgados; colaborou também na revista *Renascença,* na *Revista da Academia Brasileira de Letras,* primeiros números, e, sobretudo, no *Jornal do Comércio,* desde 1898, com interrupções. Aí, publicou vários artigos, e *Os diálogos das novas grandezas do Brasil,* 1a. série, saídos em livro em 1909. Sobre esta publicação no *Jornal do comércio,* por tê-la interrompido, e pretendendo então continuá-la, fez, em 1908, em *post-escriptum* de carta a Félix Pacheco, — carta que acompanhava um artigo sôbre Machado de Assis, por ocasião da morte deste —, a seguinte observação: "O automóvel perdeu o pneumático. Está se endireitando. Sabe quantos passageiros já subiram? Dez. E' demais ! Está completa a lotação. Vou voltar par a cidade. Nas *Furnas* (o Diálogo era um passeio á Tijuca), havia tanta lama que foi preciso drainá-la. Isso competia ao ajudante do *chauffeur,* que fez serviço pronto e asseiado". (41) Observação que atesta, no comentário de Félix Pacheco, a aparente irreverência do espírito bem formado de Araripe Júnior, apesar de incorrigivelmente divagador.

Foi também no *Jornal do comércio,* no ano de sua morte, que publicou o romance *O cajueiro do Fagundes,* reproduzido em 1929 na *Revista da Academia Brasileira de Letras.* Em carta escrita ao Barão de Studart, refere-se a este romance, bem como ao seu estado de saúde: "Com os três volumes que lhe envio agora, receberá o meu *Cajueiro de Fagundes,* publicado no *Jornal do comércio.* A casa Gomes Pereira está editando essa crónica, que lhe é dedicada, porque das suas obras, especialmente da monografia sobre Feo e Torres, tirei a substancia do romance. Desculpe a liberdade.

"Tenho um retrato meu para ofertar-lhe. A carantonha é de velho octogenário, porquanto, quando o tirei, já andava muito desfeito pela doença, que me derribou e com uma *máscara hepática.* Em todo caso, o retrato em si é óptimo". (42) Não conseguimos apurar se realmente a

Casa Gomes Pereira chegou a publicar, em livro, o romance de Araripe Júnior.

Depois desta publicação no *Jornal do comércio,* talvez a última tenha sido um artigo sobre Anchieta, excerto de um trabalho que viria a ser um "tratado do misticismo encarado nas suas relações com o ambiente social, como sempre costumava fazer Araripe Júnior no estudo dos momentos psíquicos" (43)

Já informamos que de princípios do século actual é o romance *Miss Kate,* publicado em uma revista do Rio, conforme o próprio autor, em 1904, e depois em livro (1909) acompanhado de um prefácio de Afranio Peixoto.

A produtividade intelectual de Araripe Júnior, por esta época, foi mais no campo das novas funções de Consultor Geral da República que no literário propriamente dito. Nomeado para o cargo mencionado em 1903, quando foi criada a Consultoria Geral da República, completou, no exercício do mesmo, a notável acção que empreendeu como servidor público Informa-nos Félix Pacheco que "seus pareceres, guardados no Arquivo da Secretaria da Justiça e Negócios Interiores, dariam volumes de doutrina e praxe administrativa". E mais adiante acrescenta: "Jurista, Consultor Geral da República, foi durante anos uma admirável enciclopédia do direito posta ao serviço dos interesses superiores do país, esclarecendo e guiando o Governo em um sem número de questões relevantíssimas, tratadas exaustivamente pela sua sapiência indiscutível, que pôde substituir sem demérito o aparelho suntuário do antigo Conselho de Estado". (44) Muitos de seus pareceres foram publicados em revistas especializadas de direito, como *O direito* e *Revista de direito* do Rio de Janeiro, *Revista forense* de Belo-Horizonte e *Gazeta Jurídica* de São Paulo; foram também publicados em volume, ao todo três. (45) Juristas como Clovis Beviláqua e o Dr. Valadão, este último citado por Félix Pacheco e Artur Mota, reconheceram, no dizer do primeiro, o "incontestável merecimento" dos trabalhos jurídicos de Araripe Júnior. (46)

Nas altas funções públicas que exerceu até a morte, ocorrida a 29 de Outubro de 1911, Araripe Júnior foi substituído por Rodrigo Octávio, seu companheiro de vida literária e colega na Academia Brasileira de Letras.

3. — Muito do homem, da formação moral e intelectual e da participação na época em que viveu, participação das mais expressivas e concretas pelo que representou então e ainda representa para os nossos dias, já ficou dito no que escrevemos. Completam essas informações os depoimentos insuspeitos escritos por amigos e contemporaneos de Araripe Júnior, como Escragnolle Dória, Félix Pacheco, Max Fleiuss, José Veríssimo, já citados no que foi oportuno. Mais uma vez fundamentando-nos nestes escritores, completamos o presente estudo sobre a personalidade de Araripe Júnior.

Mostramos que desde moço dedicou-se intensamente ao trabalho intelectual, produzindo com admirável fertilidade, além do que realizou como funcionário público graduado, que também requeria a atividade do escritor, melhor, do jurista. Foi Ramiz Galvão, sem exagero, quem o chamou "um herói do trabalho". Trabalho que aumenta em merecimento, se lembrarmos que desde o tempo de estudante até os cinquenta anos de idade, seu realizador foi castigado por uma neurastenia intensa, sofrendo

crises constantes de melancolia, que o deixavam, ás vezes, segundo Escragnolle Dória, em completa inaptidão para o trabalho durante seis e oito meses. Era quando se isolava do mundo, refugiando-se no seio da família — pais e filhos, os únicos que tolerava. Gostava então de dizer a uma de suas filhas: "Trago a alma mergulhada em tristeza. Porque um céu tão azul, tão formoso e eu sem poder gozá-lo?". (47) Talvez a doença explique certos aspectos do carácter de homem dolorido, contemplativo, amante da criação ou da natureza á maneira romantica, que foi Araripe Júnior, procurando a ela transmitir a sua própria alma; muitas vezes, nos morros do Rio de Janeiro, quedava-se durante horas a contemplar a natureza. A leitura, feita muito cedo, daquele outro — talvez o maior que tivemos — deslumbrado da natureza, Alencar, sem dúvida reforçou esse aspecto do caráter do escritor. As crises neurasténicas de Araripe Júnior, de tão intensas, forçaram-no, certa vez, a ir buscar em Buenos-Aires o derivativo de uma paisagem nova que lhe sossegasse a inquietude latente.

Disse Escragnolle Dória que "as dificuldades do labor lhe tornam sagrados os escritos. Suou-os a sofrimento. Ao produzir carecia mover-se, agitava-se, exteriorizando a trepidação interior.

"Jamais pedia silêncio enquanto redigia. Pelo contrário, queixava-se de falta de inspiração quando se achava a sós." (48)

Seus hábitos familiares, moderados e carinhosos, facilitaram a extraordinária leitura e a considerável produção literária que realizou. Informam seus contemporaneos que, terminando o trabalho de servidor público e desprendido dos amigos, Araripe Júnior apressava-se em chegar á casa, para continuar as leituras interrompidas. De ordinário fazia-as deitado, gostando de ler vários volumes ao mesmo tempo, porque assim, como dizia podia saborear melhor os autores. Lia tudo: poesia, prosa de ficção, história, filosofia, desde os livros mais sérios e pesados aos mais fantásticos da literatura de capa e espada, dando preferência aos livros de estreia. Antes de morrer, depois de haver relido a *Dama das Camélias*, cuja primeira leitura datava da mocidade, lia pela quarta vez *A guerra e paz de Tolstoi;* contudo, seus livros de cabeceira foram a *Imitação de Cristo* e *Salambô*, este último, para ele, a obra prima da literatura francesa, seimando-o a ponto de distribuir vários exemplares do mesmo á família, á qual, porém, de preferência indicava os romances russos, talvez em conformidade com seu misticismo. Possuidor de notável cultura filosófica e literária, pacientemente adquirida no trato dos autores clássicos e dos modernos, Taine, Spencer, Comte, os idealistas alemães da segunda metade do século XIX, os mais modernos pensadores como Ruskin e Bergson, passando pelos grandes místicos e espiritualistas, dele Félix Pacheco pôde dizer que "realizou no Brasil o verdadeiro tipo do intelectual moderno, que nada de humano reputa alheio a si e que, multiplicando, com um deleite, a sua própria curiosidade dispersiva, toca nos mais variados assuntos, para adquirir com isto aquela admirável visão de conjunto, que acaba substituindo o crítico pelo filósofo e trocando o comentador de livros pelo observador social, tão atento ás aparências dos fenómenos como á natureza interior das grandes almas, reveladoras dos segredos terríveis, que formam o substratum da vida, como o Dante, o Shakspeare, o Poe, o Carlyle, o Emerson e o Ibsen, com os quais ele se familiarizou estreitamente." Acrescentando, logo mais, que "raríssimos no nosso país terão enchido tão ampla e dignamente uma longa vida de inteligência, de estudo, de bondade e

de trabalho, como esse cearense maravilhoso e irónico, cuja boca breve e cujos olhinhos perquiridores pareciam protestar contra a austeridade um tanto rude do semblante, onde aliás as rugas não eram senão expressões do sonho torturado, que tudo ambicionava conhecer e decifrar, desde os grandes lances trágicos de Eschylo, até as rebeldias inovadoras dos dramaturgos e filósofos escandinavos". (49) Foi essa mesma curiosidade ou irrequietude espiritual que determinou um aspecto característico do crítico, já apontado, e que consistia em servir-se dos livros de que tratava como pretexto para expandir-se, divagar, evadindo-se numa atitude de verdadeiro ensaista, mas sabendo adquerir, não obstante, "autoridade incontrastável" no mister de crítico.

De resto, as qualidades essenciais de espírito, bondade e mérito de Araripe Junior, todos reconheciam; aí estão os testemunhos de Max Fleiuss nas suas cronicas de recordação, de José Veríssimo, de tantos outros, entre os quais fez amigos predilectos, como Inglês de Sousa, Euclides da Cunha, Afranio Peixoto e, em posição de destaque, Raul Pompeia. "por cuja morte chorou; como se fora de um próprio filho". Quando Araripe Araripe Júnior faleceu, o próprio Rui Barbosa, a quem ele "nunca poupou flagelações" e manifestações de antipatia motivadas pela posição de Rui na revolta da Armada, como se observa nos *Diálogos das novas grandezas do Brasil*, — o próprio Rui, esquecendo ou revelando essas rivalidades, fez-se presente aos seus funerais, o que "foi outro testemunho eloquente do reconhecimento das qualidades morais do morto". (50)

Esse amante da música que foi Araripe Júnior, sobretudo gostando de recordar ao piano as cantigas da mocidade, bondoso e complascente, optimista, sem invejas nem paixões nem rivalidades literárias, tornando-se uma das figuras mais simpáticas de sua época, foi, na observação de José Veríssimo, semlhante á de Félix Pacheco, um dos que mais contribuiram para a obra de unidade moral do Brasil, firmada na construção de um pensamento e de uma expressão idênticos a todos os brasileiros. Era compenetrado da necessidade de fazer-se uma obra de cultura nacional, donde a sua inteligência curiosa, ansiosa de novidade e de originalidade, interessando-se pelas coisas alheias, principalmente quando exprimiam exotismo e originalidade, procurar integrá-las, adaptá-las á nossa mentalidade. De duas coisas Araripe Júnior jamais se desembaraçou: do nativismo e misticismo, como bem prova, com outras qualidades apontadas, o último livro que publicou — *Ibsen*. (51)

O cearense perdurou nele, na fisionomia e no espírito acrescentado de sincero entusiasmo patriótico e curiosidade universal, como bom compreendedor que foi do problema de nossa cultura em face da formação histórica do Brasil. Daí conforme já se observou, a preferência pela figura boémia do satírico que foi Gregório de Matos, dedicando-lhe um estudo crítico dos mais bem acabados que temos, justo orgulho do autor que apontava Gregório de Matos, em fins do século XIX, momento de efervescente jacobinismo, como um dos primeiros representantes de nosso nativismo. "E foi mais pelo renome do Brasil, do que pelos brazões da família colateral, que eternizou a figura do autor do *Guarani* e fixou nos seus variados trabalhos tantos outros tipos excelsos de nossa galeria, chegando até o misticismo doentio de Anchieta, que aliás não creio ter saído muito diminuído de suas irreverências". (52) Também soube enaltecer os de fora, como a Garcia Mérou, levado por um simples dever de gratidão, ou por outra, únicamente pelo fato deste intelectual e diplomata ar-

gentino ser um dos assíduos frequentadores do grupo d' *A semana;* sem contar, o que não se comporta neste caso, os ensaios escritos sobre grandes vultos da literatura universal.

O interesse devotado á solução dos problemas nacionais ia mais longe, pretendendo, antes de mais nada, combater o complexo de inferioridade nacional; certa vez perguntou a propósito o seguinte: "Como é possível que de nossas academias saiam doutores dispostos a concorrer para o engrandecimento desta pátria, se desde os bancos de primeiras letras só se faz plantar em seu espírito a idéia da inferioridade do caracter nacional, da impotência da raça a que pertencemos, da inutilidade do esforço num meio social condenado pelas leis fatais da história a ser mero campo de exploração de indústrias de outras nações ?". (53) Mesmo que se possa ver aí uma referência clara ás condições históricas de nossa colonização, numa demonstração do jacobinismo de Araripe Júnior, a pergunta que fez é rica de conteúdo, verdadeira em apontar a educação e a instrução como o meio mais seguro para o reerguimento moral da mentalidade do brasileiro; ela encerra ainda para os nossos dias, mais do que para os do autor, uma irrefutável actualidade.

Que o cearense perdurava nele, e foi também causa do nativismo, mesmo regionalismo, entranhado amor ás coisas de sua terra e de seu país, estão a provar certas expressões regionais que usava e referências, em correspondência particular, ás nossas tradições. João Ribeiro falou claramente de tais aspectos dos sentimentos de Araripe Júnior: em carta a Max Fleiuss e ao *bond* d'*A semana*, depois de mostrar-se maravilhado com a Alemanha, onde então se achava (1895), escreveu: — "*O cabloco está perdido!* (grifo é de João Ribeiro) dirá o Araripe, mas vinde para cá, vós outros cablocos!". (54) A 10 de Novembro de 1910 Araripe Júnior escrevia a seus conterraneos João Nogueira, senhora e filha o seguinte cartão: "T. A. Araripe Júnior pede desculpas por não ir vê-los no Pharoux, á vista da chuva. Feliz viagem e que encontrem todos os verdes mares de nossa terra ainda mais verdes e com gosto de água de coco. Saudades aos parentes da 1a. linha e depois ás *carnaubeiras.*

"Quanto á caboclinha — que não se esqueça da quadrinha :

"Das frutas que hai no mato,
"A mió é o mé;
"Dos bichinhos, que eu conheço,
"O mais dengoso é Mizé" (55)

Cartas á semelhança desta, e outros episódios narrados, traduzem ao mesmo tempo o espírito alegre, prasenteiro, deste escritor que soube preocupar-se com os altos problemas da cultura, possuidor de imaginação fértil e fantasia rica, um tanto diletante na preferência pelo que José Veríssimo chamou "estravagancias" literárias.

Contradizendo o ar circunspecto e projecção pública de que desfrutava, Araripe Júnior, contudo, não fugia aos momentos de brincadeira. Conta-nos Max Fleiuss que havia, na época d'*A semana*, nas proximidades da Polícia Central, no Rio, um museu de figuras de cera. "Certa noite, depois de um dos nossos habituais jantares, — continua — fomos até lá.

"A visita trouxe-nos boas risadas.

"Araripe e outro companheiro anarquizaram a sala.

"Numa espécie de sobre-loja, que se alcançava por uma escadinha a

pique, e onde se lia: — *Só para homens* — existia um estereoscópio contendo cenas *libérrimas*...

"Pois conseguiram transferir as chapas para o aparelho de baixo e pode-se avaliar o horror que produziram, quando os curiosos, esperando, por exemplo, ver o *Palácio do Trocadero* ou o *Bois*, davam com os olhos em quadros de arrepiar couro, cabelos e até a alma...". (56)

Até o ano de sua morte o trabalho intelectual de Araripe não cessou, tendo ainda muitos planos literários para realizar, várias obras esboçadas ou iniciadas. (57) Metódico, de hábitos moderados, talvez não quisesse realizá-los apressadamente, ele, que dizia, pouco antes de morrer, repetindo Boerhave — "Vivamos de vagar", acrescentando: "podemos adoptar um sistema de vida puramente natural e, para conseguir, basta deixar-nos *viver* — basta abandonar-nos ao curso natural das coisas, não contrariando a lei natural da inércia, a qual por sua própria força dá realidade a tudo quanto existe". (58)

São Paulo, Julho de 1948.

*** — Capítulo do estudo em elaboração: — ARARIPE JUNIOR — CRÍTICO.**

1 — Era filho do Conselheiro Tristão de Alencar Araripe e de d. Argentina de Alencar Araripe, aquêle figura de destaque na política e nas letras; neto de Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, o malfadado presidente da Confederação do Equador, no Ceará, e de d. Ana Triste; bisneto da heroina Bárbara de Alencar. Estava ligado, portanto, por vínculos de família ao famoso padre José Martiniano e a José de Alencar; êste último e sua espôsa foram seus padrinhos de batismo.

2 — V. Araripe Júnior, Prólogo a O missionário — romance de Inglês de Souza, 3a. ed., Rio de Janeiro, Liv. José Olímpio Editôra, 1946, págs. 7 a 10.

3 — V. Escragnolle Dória — Araripe Júnior — in Revista da Academia Cearense, t. XVIII, págs. 100-107. Págs. 105.

4 — Apud Escragnolle Dória, idem, ibidem, pgs. 105.

5 — Em capítulo especial, estudaremos a obra do escritor, ou melhor, do crítico. Na Carta, Araripe refere-se a uma crítica que fez, no ano anterior, aos Contos da roça de Emilio Zaluar; deve datar dêste ano — 1867, a sua estréia como crítico literário.

6 — V. Félix Pacheco — Discurso de recepção na Academia, seguido da resposta do Sr. Sousa Dantas, Rio de Janeiro, Tip. do Jornal do Comércio, 1913, páginas 46 - 47.

7 — V. Sílvio Romero — História da Literatura Brasileira, 3a. ed., aum., organizada e prefaciada por Nelson Romero (5 ts.), Rio de Janeiro, Liv. José Olímpio Editora, 1943. (Col. Documentos Brasileiros). IV, págs. 100-101.

8 — V. Idem, ibidem, IV, págs. 134-135.

9 — V. Clóvis Beviláqua — História da Faculdade de Direito do Recife, 2 vols., Rio de Janeiro, Liv. Francisco Alves, 1927. II, págs. 102.

10 — V. Dolor Barreira — História da Literatura Cearense, 1. tomo, Fortaleza, Editora "Instituto do Ceará", Limitada, 1948. (Col. Instituto do Ceará — História do Ceará — Monografia n. 18). Pags. 85-86, n. 71

11 — V. Araripe Júnior — José de Alencar, 2a. ed., Rio de Janeiro, Fauchon & Cia., 1894, págs. XI-XII.

12 — V. Dolor Barreira, op. cit., págs 90-91.

13 — V. Idem, ibidem,págs 110.

14 — Cf. Artur Mota — Perfis Acadêmicos — Cadeira n. 16 — Araripe Júnior, in Revista da Academia Brasileira de Letras, a. XX, Agosto de 1929, n. 92, v. XXX, págs. 473 - 490. Diz ignorar o jornal em que foi feita a publicação. Braga Montenegro — Araripe Júnior — subsídios para um estudo, in Clã, n. 3, de Junho de 1948, Fortaleza-Ceará, informa que foi publicado em folhetins, no Constituição de Fortaleza, mas não cita a data (págs. 14), acrescentando a informação já dada, isto é, de ter sido publicado em livro, em 1878, sob o título Luizinha.

15 — Artur Mota, idem, ibidem; ainda cita como redigido neste ano o romance Luizinha, publicado em 1878. V. nota 14.

16 — Vê, a propósito, o capítulo Bibliografia de e sôbre Araripe Júnior

17 — V. Araripe Júnior, op. cit., págs. 1-2 e 4.

18 — Cf. Félix Pacheco, op. cit., págs. 43; Artur Mota, loc. cit., págs. 486, diz que foi entre 1876 e 1886, que Araripe Júnior "foi eleito deputado provincial em dois biênios".

19 — Apud. Escragnolle Dória, loc. cit., págs. 107.

20 — V. Sílvio Romero, op. cit., V., págs. 265.

21 — Cf. J. F. Velho Sobrinho — Dicionário bio-bibliográfico brasileiro, págs. 507-509.

22 — V. Artur Mota, loc. cit., págs. 487.

23 — Vê o capítulo Bibliografia de e sôbre Araripe Júnior.....

24 — V. Guilherme Studart — Barão de Studart — Dicionário bio-bibliográfico cearense, 3 vols., Ceará-Fortaleza, Tip. Minerva, 1915 III, págs. 169-170. E v. a Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, vol. LVI, 2a. parte, páginas 166-167. Barão de Studart, op. cit., diz que a obra José de Alencar, ao lado das indicadas no Parecer, foi também apresentada como título á candidatura de Araripe Júnior ao Instituto Histórico. Na Revista do Instituto há apenas um trabalho de Araripe Júnior — Anchieta — doença eucarística do noviço José (vê o capítulo Bibliografia de e sôbre Araripe Júnior).

25 — Na Revista do Instituto do Ceará, não consta, porém, qualquer trabalho de Araripe.

26 — V. Leonardo Mota — A padaria espiritual, Fortaleza, Edésio Editora, 1939, págs. 73-75.

27 — V. Araripe Júnior — Recordações do Clube Rabelais — III — in Revista da

Academia Brasileira de Letras, a. II, n. 6, Out. de 1911, pág. 274-275. Félix Pacheco que também se refere à existência do Clube Rabelais, menciona ainda como sócios do mesmo Xavier da Silveira e Max Fleiuss, (op. cit., pág. 33 a 38).

28 — V. Félix Pacheco, op. cit., pág. 36.

29 — Apud Max Fleiuss — A Semana (1893-1895) — (Crônica de saudades), Rio de Janeiro. s/ed., 1915, págs. 143-144.

30 — V. Max Fleiuss — op. cit., págs. 60.

31 — V. Idem, ibidem, págs. 106.

32 — V. Idem, ibidem, págs. 157.

33 — V. Idem, ibidem, págs. 183; e págs. 156 a 183.

34 — V. Idem, — Recordando... (Casos e perfis) — Separata do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1941, páginas 77-79.

35 — V. Idem,ibidem, págs. 23-24, e A semana, ed. cit., págs. 209.

36 — V. Félix Pacheco op. cit. págs. 52. Félix Pacheco confessa que recebeu de Araripe Júnior, durante a moléstia que abateu o último "reiterados bilhetes" para que apresentasse sua candidatura á vaga de Raimundo Correia. Foi essa solicitude de Araripe Júnior que levou Félix Pacheco, logo mais, a candidatar-se à vaga do próprio Araripe Júnior (v. págs. 48-49).

37 — V. Antônio Sales — Alguns autógrafos, in Revista do Brasil, n. 31, a. III, vol. VIII, de Julho de 1918, págs. 246.

38 — V. Félix Pacheco, op. cit., págs. 25.

39 — Apud Félix Pacheco, — Araripe Júnior, in Revista da Academia Brasileira de Letras, a II, n. 6, de Out. de 1911, págs. 225-226.

40 — V. idem — Discurso de recepção na Academia, etc., ed. cit., págs. 47-48.

41 — Apud Félix Pacheco, op. cit., págs. 31.

42 — Apud Barão de Studart, op. cit., págs. 171, III.

43 — Félix Pacheco — Araripe Júnior,in Revista da Academia..., ed. cit., págs. 224-225.

44 — V. Félix Pacheco — Discurso de recepção na Academia, etc., ed. cit., páginas 44.

45 — Vê o capítulo Bibliografia de e sôbre Araripe Júnior.

46 — V. Clóvis Beviláqua, op. cit., II, págs. 88; e Félix Pacheco, op cit., págs. 47.

47 — V. Escragnolle Dória, loc. cit., págs. 100-101.

48 — V. Idem, ibidem, págs. 103.

49 — V. Félix Pacheco, op. cit., págs. 26 e 38.

50 — V. Idem, ibidem, págs. 49.

51 — V. José Veríssimo — Discurso, in Revista da Academia Brasileira de Letras, a. II, n. 6, de Out. de 1911, págs. 221-223; e Letras e literatos, obra póstuma, Rio de Janeiro, Liv. José Olímpio Editôra, 1936, págs. 28.

52 — V. Félix Pacheco, op. cit., págs. 55.

53 — Apud. Artur Mota, loc. cit., págs. 487.

54 — Apud Max Fleiuss — Recordações..., ed. cit., págs. 41-42.

55 — Apud Manuel Albano Amora — Araripe Junior, im Valor, Fortaleza-Ceará, n. 29, a. X., págs. 14.

56 — V. Max Fleiuss, op. cit., págs. 25.

57 — V. Artur Mota, loc. cit., págs. 488.

58 — Cf. Escragnolle Dória, loc. cit., págs. 104.